

DA INFÂNCIA À IMORTALIDADE, A VIDA NA PALMA DA MÃO

Celia Tamura*

Doutoranda em Teoria e História Literária – UNICAMP

(celiatamura111@yahoo.com.br)

RESUMO: Esta é uma resenha da tradução brasileira do livro Tanagokoro no Shôsetsu (Contos da palma da mão), uma reunião de narrativas curtas de Yasunari Kawabata (1899-1972), o primeiro escritor japonês a ser premiado com o Nobel de Literatura. A coletânea engloba textos escritos ao longo de toda a vida literária do Autor, de 1923 a 1964. Alguns temas predominantes dentro da imensa variedade de 122 contos são: a infância, o sonho, a morte e a imortalidade.

Palavras-Chave: Yasunari Kawabata; Contos da palma da mão; Contos Japoneses; Literatura Japonesa

ABSTRACT: This paper is a review of the Brazilian translation of *Tanagokoro no Shôsetsu (Palm-of-the-hand stories)*, a Yasunari Kawabata's anthology of short stories. The book includes short narratives of the entire literary life of the first Japanese Nobel Prize laureate writer, from 1923 to 1964. Among the great variety of the themes, there are the childhood, the dream, the death and the immortality.

Keywords: Yasunari Kawabata; Palm-of-the-Hand Stories; Japanese Short Stories; Japanese Literature

Uma das mais oportunas, entre as excelentes traduções brasileiras de obras literárias japonesas, Contos da palma da mão é um belíssimo exemplo da boa arte literária, com suas narrativas curtas, que concentram a intensidade de uma vida, a busca de seu sentido, e a união entre imagens concretas e expressões oníricas. O livro desenha um Japão poético, sublime, captando os sentimentos mais delicados da alma japonesa, expressos pelo escritor Yasunari Kawabata¹ (1899-1972), premiado com o Nobel de Literatura em 1968. Seguidor da clássica tradição estética japonesa, Kawabata faz, de seus pequenos contos, verdadeiros momentos de extrema beleza, característicos da iluminação budista. Dedicando especial atenção ao desenho, à plasticidade das descrições, constrói belíssimos quadros, que se apresentam como pinturas, por vezes, de paisagens japonesas, por outras, de imagens surreais.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

¹ O escritor é reconhecido como o principal teórico do movimento *Shin kankaku-ha* (neo-sensorialista), conforme observa Donald Keene (1984), além de possuir uma imensa obra crítica e teórica sobre literatura.

Dessa forma, o Autor busca sempre atingir algo que está além da percepção terrena, do contingente, procurando compreender o invisível, o que é inacessível até mesmo às palavras. O herói típico de sua obra anseia por algo distante, inatingível, fazendo com que a vida se torne mais pura e bela, na busca desse ideal. É o que observa Makoto Ueda (1976), ao analisar as principais obras do Autor, como A casa das belas adormecidas, Beleza e tristeza, País das neves, entre outras. Para Kawabata, a própria função do artista literário consiste em descobrir e reproduzir a pura beleza de uma vida intensa, vivida integralmente. O artista combina duas habilidades: a de enxergar a pura beleza, e a de representá-la em forma literária. As pessoas mais aptas a descobrir a pura beleza pertencem a três grupos: as crianças, as jovens mulheres e os homens moribundos. (UEDA, 1976, p. 185-186). O tipo de beleza preferido é delicado, frágil e perecível, e que, ao perecer, origina a tristeza, explica Ueda.

No que se refere ao retrato, à captura de um momento único, de beleza, pode-se citar “O gaio” (Kakesu, 1949), conto no qual convergem as lembranças da infância de Yoshiko, prestes a se casar. A harmonia familiar é simbolizada pelo filhote de gaio, perdido, mas resgatado pela mãe, com a ajuda da moça, que está vestida elegantemente, em quimono vermelho, para uma ocasião especial: a visita da futura sogra. O re-encontro dos pássaros transmite paz, e a esperança de que Yoshiko terá uma vida conjugal feliz. O jardim, os pássaros, Yoshiko vestida festivamente, compõem uma pintura antiga, na qual homem e natureza convivem pacificamente.

Na maior parte dos contos, no entanto, a mulher é retratada em posição social desprivilegiada, sendo vendida, quando menina, para a prostituição, como no conto “Obrigado” (Arigatô, 1925). Já a heroína de “Ossos de Deus” (Kami no hone, 1927) é amante de muitos homens, e tem sua gravidez ignorada por todos eles. Os relacionamentos amorosos revelam o desejo masculino de dominação do ser feminino, no sentido de desejo de assassinio, conforme postulado por Georges Bataille (1988). No conto “Frágil recipiente” (Yowaki utsuwa, 1924), por meio de um sonho, compara-se a mulher a um delicado vaso de porcelana, cuja destruição ocorre com a experiência do amor. Ao amar, a mulher se despedaça, tendo de, depois, recolher seus cacos. Sentimento análogo é experimentado pelo protagonista

de “O relógio” (Tokei, 1924), que, encantado pela amiga, é inclinado a desejar a sua destruição, dominado pela imagem da moça – ora alegre e exuberante – transformada numa mãe que, carregando seu bebê às costas, dirige-se à casa de penhores, de posse do relógio de seu ouro, usado no encontro.

O amor que se insinua na infância é tema de “Brincando na carroça” (Otoko to onna to niguruma, 1923), e “O gafanhoto e o suzumushi” (*Batta to suzumushi*, 1924), nos quais a sensualidade é desvelada pelo narrador, que observa e relata as imagens sugestivas, de conhecimento somente dele, e não das crianças. Também em “Vinte anos” (Nijûnen, 1925) narra-se a importância do amor infantil, que perdura até a idade adulta. A quase totalidade dessa narrativa é dedicada aos momentos da escola primária, num vilarejo classificado como “bárbaro e devasso”, no qual atua a sensualidade precoce. Sumiko é desejada por todos, entre eles, Umemura e seu amigo, denominado “o garoto”. Este acaba sendo mandado para Tóquio, e retorna após vinte anos, bem colocado na carreira diplomática. Lamentando que o amigo não tenha alcançado uma posição mais alta, no Ministério da Marinha, por ser de origem burakumin (casta social discriminada), ele – o antigo “garoto” – surpreende-se, ferido em sua vaidade, ao se deparar com a revelação do sucesso inesperado de Umemura: o seu casamento com Sumiko.

Esse precoce despertar do amor justifica-se pela imortalidade do sentimento. Já em idade madura, Noguchi, o protagonista de “O cavalo branco” (Hakuba, 1963), é invadido pela recordação de Taeko, a amiga de infância com quem, certa vez, brincou desenhando cavalos. A imagem do animal branco, que galopa no céu, é utilizada por Noguchi para conseguir adormecer, evocando-a nas noites de insônia. Porém, numa bela tarde, involuntariamente, vê a figura do mesmo cavalo, sobre o qual cavalga uma mulher. As luzes do entardecer, coadas pelas folhas de faia, o céu cinzento e o traje negro da amazona, aproximam o amor e a morte. Por mais de quarenta anos Noguchi não via Taeko. Seria a visão um prenúncio de morte? Morte de um dos dois amigos de infância, ou até mesmo de algo, que deixou de existir, quando, separados, cada qual se casou com outras pessoas?

No conto “Sazanka” (Sazanka, 1946), a paz do pós-guerra é retratada por meio da fecundidade entre os casais, em contraposição ao reduzido número de

concepções nos anos de intranquilidade. O casal Shimamura crê ser, a nova criança, a re-encarnação do bebê perdido, num aborto inesperado, durante a guerra. Recordando as experiências de bombardeios, o narrador compara a visão de passarinhos trêmulos, à criança abortada, que então existia, no ventre materno. Já em idade avançada, o narrador vê esses nascimentos na vizinhança como “luzes vindas de outro mundo”, na esperança de seu próprio renascimento, sob alguma forma de vida. Por isso a escolha de “Sazanka” para o título, a flor que floresce no outono. A continuidade cíclica da vida também é retratada em “Kassassagui” (Kasasagi, 1963), conto no qual o narrador percebe a permanente renovação das aves que frequentam seu jardim, ao longo dos anos, mesmo que, aparentemente, sejam sempre os mesmos pássaros. A palavra “kassassagui”, nome de ave, também representa a alma, sempre renovada, dos poemas antigos japoneses.

No conto “Imortalidade” (FUSHI, 1963), um casal é visto caminhando pelo campo, próximo à praia, sendo o homem, idoso, e a mulher, bem mais jovem. O homem, no entanto, não percebe que a moça é a mesma que, muitos anos antes, morrera, atirando-se ao mar, por não lhes ser permitido o casamento. O velho tampouco se dá conta de que está morto. Vários sinais indicam essa condição, e então o casal, desaparecendo ao penetrar numa árvore gigante, não mais retorna. O desaparecimento é coroado pela bela descrição do entardecer, como símbolo do final dessa fase da vida.

Esses são apenas alguns exemplos, dentro da imensa variedade de narrativas apresentadas pela coletânea, mais precisamente, exemplos de descoberta da beleza, por crianças, jovens mulheres e homens no final da vida. Por meio de bela linguagem poética, Kawabata desenha, em seus breves contos – que cabem na palma da mão –, as impressões de toda uma vida literária, retratando temas concernentes ao ciclo ininterrupto da existência, desde a infância, transcendendo, até mesmo, a mortalidade.

Referências

BATAILLE, G. **O erotismo**. Trad. João Bénard da Costa. Lisboa: Antígona, 1988.

KAWABATA, Y. **Contos da palma da mão**. Trad. Meiko Shimon. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

KEENE, D. **Dawn to the West: Japanese literature of the modern era**. Vol. 1: *Fiction*. New York: H. R. and Winston, 1984.

UEDA, M. *Modern Japanese writers and the nature of literature*. Stanford, California: Stanford University Press, 1976.